



EDGAR A. POE

Assassinatos da Rua Morgue

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Patrícia Carvalho Garcia

Sandra Heloísa Nunes Messias

canal6 editora

© Renato Massaharu Hassunuma

Título original

The Murders in the Rue Morgue

Conselho Editorial

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACSM

BIOMÉDICA ESP. LIVIA FERREIRA DOS SANTOS FOGAÇA

Especialista em Hematologia Clínica e Laboratorial pela Academia de Ciência e Tecnologia.

Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P798a Poe, Edgar A., 1809-1849
1.ed. Assassinatos da Rua Morgue [livro eletrônico] / Edgar A. Poe; tradução e adaptação Renato Massaharu Hassunuma, Patrícia Carvalho Garcia e Sandra Heloísa Nunes Messias. – 1. ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2023.
PDF.

Título original: The murders in the Rue Morgue.
ISBN 978-85-7917-632-6

1. Ficção norte-americana. II. Hassunuma, Renato Massaharu. III. Garcia, Patrícia Carvalho. IV. Messias, Sandra Heloísa Nunes. V. Título.

12-2023/16

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129



EDGAR A. POE

Assassinatos da Rua Morgue

ADAPTAÇÃO

Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma
*Professor Titular do Curso de Biomedicina
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Prof.^a Dr.^a Patrícia Carvalho Garcia
*Coordenadora Auxiliar do Curso de Biomedicina da
Universidade Paulista – UNIP, Câmpus Bauru*

Prof.^a Dr.^a Sandra Heloísa Nunes Messias
*Coordenadora Geral do Curso de Biomedicina da
Universidade Paulista – UNIP*

1^a Edição / 2023
Bauru, SP

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o *Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva e a Biomédica Esp. Livia Ferreira dos Santos Fogaça*, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma,
Prof.^a Dr.^a Patrícia Carvalho Garcia,
Prof.^a Dr.^a Sandra Heloísa Nunes Messias.*

APRESENTAÇÃO

Esta obra trata-se de uma adaptação do conto original escrito por Edgar A. Poe publicado pela primeira vez em 1841. Foram seguidas as orientações do próprio autor, que em “A filosofia da composição”, ele defende que um texto deve ser lido de uma só vez para que o leitor não perca o efeito pretendido. Assim, foram feitas adaptações para facilitar e motivar a leitura por novos leitores.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma,
Prof.^a Dr.^a Patrícia Carvalho Garcia,
Prof.^a Dr.^a Sandra Heloísa Nunes Messias.*



EDGAR A. POE 

Assassinatos da Rua Morgue

EDGAR A. POE 

Assassinatos da Rua Morgue

É difícil avaliar a capacidade investigativa de uma pessoa. Para aqueles que possuem essa capacidade desenvolvida, a dedução e resolução de enigmas é uma atividade prazerosa. São pessoas que possuem um nível de perspicácia e intuição fora do normal.

A capacidade de investigação, dedução e intuição são habilidades frequentemente encontradas e desenvolvidas em jogadores de xadrez e cartas, em que eles aprendem a analisar uma situação e também a desvendar os pensamentos de seu oponente.

Mas esse livro não é um compêndio sobre esse assunto. Isso que acabo de escrever foi apenas um prefácio para o que vem a seguir.

Conheci o meu amigo Auguste Dupin no início do século dezessete, enquanto eu morava em Paris. Ele era um jovem cavalheiro de uma família ilustre, mas, por uma sucessão de acontecimentos desagradáveis, sucumbiu à pobreza. Por cortesia de seus credores, ainda possuía algum patrimônio, e com os rendimentos deles possuía o necessário para sobreviver, sem se preocupar com supérfluos. Seus únicos luxos eram seus livros.

Foi em uma biblioteca escondida na Rue Montmartre que nos encontramos pela primeira vez. Coincidentemente procurávamos ao mesmo livro. Nos encontramos ali, por destino, mais algumas vezes. Me surpreendia com a quantidade de livros lidos por ele.

Até que um dia, percebi que sua companhia se tornava inestimável. Fiquei muito interessado com a franqueza com que me contava a história da sua vida e de sua família. Decidimos então morar juntos, enquanto eu permanecesse na cidade, em uma antiga mansão no bairro histórico de Faubourg St. Germain.

A rotina de nossas vidas era uma loucura! Vivíamos num completo isolamento social. Não recebíamos visitas. Ficamos escondidos de todos. Dupin ficou por anos sem conhecer alguém e sem ser reconhecido em Paris.

Eu acompanhava meu amigo nessa vida noturna. Quando amanhecia, nós fechávamos as cortinas e acendíamos velas, fingindo para nós mesmos ainda ser noite. Passávamos horas lendo, escrevendo e conversando, até que anoitecesse novamente. Então, saíamos pelas ruas de Paris, conversando e perambulando durante toda a madrugada. Em um dia desses, líamos um artigo da edição vespertina do Diário da Justiça que nos chamou muita atenção:

Assassinatos Extraordinários

Hoje, às três horas da madrugada, moradores do bairro de Saint-Roch foram acordados por gritos que vinham do quarto andar de uma casa na Rua Morgue, que pertencia à Sra. L'Esplanaye e sua filha, Camille L'Esplanaye. Após várias tentativas de chamar as moradoras, a porta foi arrombada e aproximadamente nove vizinhos entraram, acompanhados de dois policiais. Os gritos já haviam cessado, mas ainda se ouviam duas vozes. Quando chegaram no segundo andar, as vozes não foram mais ouvidas. Ao chegar ao local, eles encontraram os móveis revirados, colchões jogados no chão, uma navalha ensanguentada em cima de uma cadeira, vários tufo de cabelos grisalhos arrancados à força, moedas, um brinco de topázio, três colheres de prata, duas bolsas contendo quase quatro mil francos. Em um dos cantos do quarto, as gavetas de uma cômoda estavam abertas, parecendo que foram saqueadas, embora houvessem dentro delas vários objetos valiosos. Foi encontrado também um pequeno cofre de ferro debaixo da cama com algumas cartas antigas e papéis sem importância. O cadáver da filha foi encontrado de cabeça para baixo dentro da chaminé. O corpo ainda estava quente e apresentava muitas escoriações causadas pela violência com que havia sido carregado até a chaminé. O rosto tinha arranhões graves e a garganta apresentava hematomas escuros e marcas profundas de unhas, como se ela tivesse sido estrangulada até a morte. Durante a minuciosa investigação da casa também foi encontrado o cadáver da Sra. L'Esplanaye, decapitada, em um pequeno pátio pavimentado nos fundos do prédio. Sobre este mistério horrível, ainda não temos mais pistas.

A edição do dia seguinte apresentou mais alguns detalhes adicionais, conforme apresentado a seguir:

A Tragédia na Rua Morgue

Vários moradores e conhecidos foram interrogados, sendo transcritos aqui as informações obtidas nos depoimentos:

Sra. Pauline Duborg, lavadeira: declarou que conhecia as duas vítimas há três anos, pois lavava suas roupas. Mencionou que a Sra. L'Espanaye e sua filha viviam em harmonia, sendo muito dedicadas uma à outra. Pagavam sem atraso. Ela não soube explicar como sobreviviam, mas acreditava que a Sra. l'Espanaye lia a sorte para viver e que possuía muito dinheiro guardado. Relatou que elas nunca recebiam visitas e não tinham outros criados. Disse também que só havia móveis no quarto andar da casa.

Sr. Pierre Moreau, atendente de tabacaria: declarou que vendia tabaco e rapé para a Sra. l'Espanaye. Conhecia a falecida e sua filha há mais de seis anos. Comentou que chegou a morar na casa onde os assassinatos ocorreram, qual sempre pertenceu à Sra. l'Espanaye. Mencionou que antigamente era ocupada por um joalheiro, que sublocava os quartos da parte de cima da casa para várias pessoas. Descontente com a atitude do joalheiro de sublocar sua casa, a Sra. l'Espanaye resolveu morar na residência sozinha e não sublocar mais os cômodos. O Sr. Pierre disse ter visto a filha apenas umas cinco ou seis vezes durante os seis anos. As duas levavam suas vidas isoladas e se passavam por pessoas ricas. Os vizinhos lhe disseram que a Sra. l'Espanaye lia a sorte; mas não acreditava nisso, porque nunca viu ninguém entrar naquela casa, exceto um carregador uma ou duas vezes, e um médico oito ou dez vezes. Vários outros vizinhos afirmaram para ele que elas nunca recebiam visitas. Ninguém sabe até hoje, se elas tinham parentes. As janelas da frente da casa raramente eram abertas, enquanto as da parte de trás estavam sempre fechadas, exceto as janelas do aposento do quarto andar voltado para o fundo da casa.

Isidore Muset, policial: declarou que foi chamado às três horas da madrugada. Ao chegar na casa, encontrou cerca de vinte ou trinta pessoas em frente à entrada da casa. Usou uma baioneta para arrombar a porta de duas folhas. Foram ouvidos gritos de dor, altos e prolongados. Esses gritos perduraram até o arrombamento da porta. Depois, subitamente, cessaram. O Sr. Muset subiu as escadas e quando chegou no primeiro andar ouviu duas vozes discutindo alto. Uma delas era rude e a outra aguda e estranha. Da primeira voz, que certamente não era de mulher, compreendeu algumas palavras em francês como *sacré* (sagrado) e *diable* (diabo). Já a segunda voz, mais aguda, soava como a de um estrangeiro, possivelmente espanhol. Mas não era possível definir de seria de um homem ou de uma mulher. Foi o Sr. Muset quem descreveu o estado do quarto e dos cadáveres descrito na matéria de ontem.

Henri Duval, ourives: declarou que foi um dos primeiros que entraram na casa durante o incidente. Confirmou o testemunho do Sr. Muset. Mencionou que entrou na casa juntamente com o policial. Eles fecharam a entrada para que mais pessoas não adentrassem na residência. Ele também ouviu a voz aguda, que pressupôs ser de um italiano. Porém, como não conhece o idioma, não conseguiu reconhecer nenhuma palavra. Não conseguiu também identificar se a voz era de um homem ou mulher. A testemunha conhecia a Sra. l'Espanaye e a filha dela. Comentou que conversou várias vezes com elas e que as vozes ouvidas não eram de nenhuma das duas.

Odenheimer, restaurador: nascido em Amsterdam, capital da Holanda, não fala francês e foi interrogado com a ajuda de um intérprete. O restaurador estava de passagem próximo à casa no momento dos gritos. Mencionou que eles duraram cerca de dez minutos. Ouviu gritos longos, altos e aterrorizantes. Ele também foi um dos que entraram na casa. Confirmou o testemunho do Sr. Duval, exceto em um ponto. Afirmou que a voz aguda que ouviram era a de um homem francês, mas não conseguiu entender o que era dito. Falavam alto, exprimindo temor e fúria. A voz mais grave era áspera e repetia: *Sacré, diable*. E em uma das vezes, exclamou: *Mon Dieu!*

Jules Mignaud, banqueiro da Casa Mignaud et fils na Rua Deloraine: É o mais velho dos irmãos Mignaud, proprietários de um banco na cidade. A Sra. l'Espanaye tinha possuía algum dinheiro depositado em uma conta aberta há oito anos atrás durante uma primavera nesse banco. O Sr. Mignaud declarou que ela sempre depositava pequenas quantias de dinheiro e que três dias antes de sua morte, a Sra. l'Espanaye sacou quatro mil francos em ouro. A quantia foi levada até sua casa, próximo ao meio-dia, em duas bolsas carregadas por Adolphe Lebon, funcionário da Casa Mignaud et fils. A Srta. l'Espanaye recebeu as bolsas. o Sr. Lebon se despediu e foi embora, mencionado que a rua estava vazia naquele momento.

William Bird, alfaiate: é inglês e vive há dois anos em Paris. Ele também foi uma das primeiras pessoas a subir a escada. Ouvia uma discussão. A voz mais grave era a de um francês, pois conseguir ouvir algumas palavras como *sacré* e *mon Dieu*. Ouvia barulho de luta e de objetos sendo quebrados. Havia uma voz aguda fortíssima, mais alta que a voz grave, que tem certeza de que não era a de um inglês. Soava como alemão, e talvez pudesse ser a voz de uma mulher. A testemunha não conhece o idioma alemão, por isso não conseguiu entender o que era dito. O Sr. Bird, Sr. Mignaud, Sr. Odenheimer e Sr. Duval foram convocados novamente para deporem. Nesse segundo depoimento, o tempo entre o momento em que se ouviram a discussão e o arrombamento da porta do quarto variou entre as testemunhas. Mas todos concordaram que ao chegarem à porta do quarto não ouviram mais nenhum barulho ou gritaria. A porta estava trancada por dentro e foi arrombada com muita força. Não encontraram ninguém no local. As janelas estavam fechadas e trancadas por dentro. Uma porta que comunicava aquele quarto com outro estava fechada, porém não à chave. A porta do quarto da frente que dá acesso ao corredor estava trancada por dentro com chave. Um pequeno dormitório do quarto andar, voltado para a frente da casa, estava com a porta entreaberta. Aquele local estava cheio de objetos velhos. A casa tem quatro andares com mansardas, aquelas janelas que se abrem para o telhado, mas todas estavam fechadas por dentro. Uma delas foi fechada com pregos. Parecia não ter sido aberta há anos.

Alfonso García, funcionário de serviço funerário: reside na Rua Morgue. Nascido na Espanha, foi um dos que entraram na casa, mas não subiu a escada. Ouviu a discussão, e identificou a voz mais grave como a de um francês, mas não conseguiu entender o que dizia. Para ele, a voz aguda com certeza era a de um inglês, embora a testemunha não saiba falar inglês.

Alberto Montani, confeitiro: declarou ter sido um dos primeiros a subir as escadas. Também ouviu as vozes, sendo que uma voz rouca era a de francês, que parecia repreender uma outra pessoa. Não conseguiu compreender o que dizia a voz aguda, pois falava depressa e truncado. Afirmou que parecia russo, embora ele nunca tenha falado com um. Ele e algumas testemunhas, que foram novamente intimadas, declararam que a chaminé era muito estreita para permitir a passagem de um corpo humano. Também afirmaram que não havia como o assassino fugir do quarto, pois todas as portas e janelas estavam fechadas por dentro. Mencionou também o corpo da Srta. l'Espanaye estava tão firmemente preso na chaminé que foi necessária a ajuda de quatro ou cinco pessoas para retirar o cadáver.

Dr. Paulo Dumas, médico: foi chamado ao amanhecer para examinar os cadáveres, que foram colocados sobre um colchão no chão do quarto onde a Srta. L'Espanaye foi encontrada. O cadáver da filha estava bastante machucado e com várias escoriações que devem ter ocorrido enquanto era puxada para dentro da chaminé. Havia hematomas abaixo do queixo e no pescoço formados pela pressão de dedos. O rosto estava horrivelmente pálido e com os olhos saltados. A língua foi cortada parcialmente. Havia uma grande equimose na região inicial do estômago, produzida aparentemente pela pressão de um joelho. Na opinião do Dr. Dumas, a Srta. L'Espanaye foi estrangulada até a morte por uma ou mais pessoas. No cadáver da mãe havia múltiplas fraturas nos ossos da perna, do braço direitos, na tíbia esquerda e em todas as costelas do lado esquerdo do corpo. Havia lesões espalhadas por todo cadáver, sem ser possível determinar como os ferimentos foram infligidos. As lesões poderiam ter sido feitas por qualquer arma pesada como um bastão de madeira. O cadáver foi decapitado, sendo a cabeça encontrada separada do corpo com sérios sinais de agressão. O pescoço foi cortado provavelmente com uma navalha.

Dr. Alexandre Etienne (cirurgião): também foi chamado para a necropsia. Seu depoimento confirmou as informações do Dr. Dumas.

*Nenhuma outra informação importante foi obtida pela polícia até o presente momento.

***Nota da Edição Vespertina**

Ainda há uma agitação no bairro de Saint-Roch, onde as investigações prosseguem, mas em vão até o momento.

Adolphe Le Bom, funcionário de Mignaud et fils, responsável pelo carregamento das bolsas foi detido e encarcerado, embora não possa ser incriminado por meio dos fatos detalhados anteriormente.

Dupin parecia interessado nesse caso. Após o anúncio da prisão de Le Bom, quis minha opinião a respeito dos assassinatos. Eu disse a ele que parecia um mistério sem solução, pois não havia como obter mais pistas do assassino. Então, Dupin me disse:

– Não podemos julgar este caso só com estas informações superficiais. A polícia parisiense, tão convencida de sua perspicácia, não possui um método de investigação estruturado. Tomam uma série de medidas apenas para satisfazer o público. Seus resultados, na maior parte, são obtidos pelo simples trabalho de investigação, sem nenhuma capacidade dedutiva. Vamos examinar melhor o local do crime, antes de formarmos uma opinião a respeito do caso. Iremos ver o local com nossos próprios olhos. Conheço o comissário de polícia, e não terei dificuldade em obter a permissão necessária para entrarmos na cena do crime.

A permissão foi concedida pelo comissário e seguimos imediatamente para a Rue Morgue. Já estava quase anoitecendo quando chegamos ao local, pois o bairro fica muito distante de onde residíamos. Encontramos a casa com facilidade, pois havia muitos curiosos tentando olhar o interior casa pelas persianas das janelas. Aquela era uma casa parisiense comum. Antes de entrar na casa, demos a volta na quadra e observamos o fundo da residência. Dupin examinava todo o bairro, bem como a casa. Voltamos à frente da residência, tocamos a campainha e mostramos nossos documentos para os policiais de plantão. Subimos as escadas e entramos no quarto onde o corpo da Srta. L'Españaye foi encontrado e onde jaziam os corpos. A cena do crime foi mantida intacta. Não havia nada além do que foi declarado na Diário da Justiça. Dupin examinou todo local e os cadáveres. Em seguida, fomos para os outros quartos e para o pátio. Um policial nos acompanhou o tempo todo. Continuamos a investigação até o anoitecer, quando partimos.

Dupin não disse nada no caminho de volta. Paramos por alguns instantes no Jornal 'Le Monde', sem saber exatamente o que Dupin fazia naquele horário. Voltamos para casa e ele continuou em silêncio durante todo trajeto.

No dia seguinte, por volta do meio-dia, Dupin me perguntou se eu percebi algo peculiar na cena do crime. Então, eu disse:

- Não observei nada de diferente do que foi declarado pelo jornal.

Então, ele me respondeu:

- O jornal não entrou em detalhes sobre a cena incomum que ocorreu. Descarte as opiniões casuais que foram relatadas. A confusão da polícia se deve a vários fatores como a aparente falta de um motivo para tamanha atrocidade, o fato de ninguém ser encontrado no local do crime, a desordem espantosa no quarto, o cadáver puxado pela chaminé de cabeça para baixo e a decapitação da Sra. L'Espanaye. Nesse momento, espero chegar aqui uma pessoa que não seja o responsável por esta carnificina, mas que esteja envolvida com as mortes. Estou certo que iremos conseguir resolver este caso. É possível que ele não venha, mas caso vier será necessário detê-lo. Pegue uma pistola. Ambos sabemos como e quando usá-la.

Ouvia Dupin sem acreditar no que ouvia. Ele falava alto, olhando para a parede. Então me perguntou:

- Você observou algo peculiar?

- Eu observei que embora todas as testemunhas concordem que a voz mais grave pertence a um homem francês, nenhum deles tem certeza sobre a nacionalidade da pessoa da voz mais aguda.

- Pois bem, por meio dos relatos e analisando o sobrenome das testemunhas, observamos que a testemunha de origem espanhola acredita que a voz seja de um inglês; o inglês acredita ser de um alemão; o holandês acredita ser de um francês; o francês acredita ser de um italiano; o italiano acredita ser de um russo. Mas nenhum deles consegue reconhecer o idioma falado pela pessoa da voz aguda. Poderia ser a de um asiático ou africano, porém seria difícil encontrar algum deles em Paris.

Dupin continuou:

- Imagine estar novamente naquele quarto. O que deveríamos procurar em primeiro lugar? Naturalmente, seria por onde os assassinos fugiram. Lembrando que eles estavam no quarto da Srta. L'Españaye enquanto as testemunhas subiam as escadas. A polícia examinou minuciosamente o assoalho, teto, paredes do local e não foi encontrada nenhuma passagem secreta escondida na casa. As portas que levaram para os quartos estavam trancadas com as chaves para dentro. As chaminés eram estreitas e nenhuma pessoa poderia passar por ela. Assim sobram apenas as janelas. As da frente não poderiam ser usadas por conta da multidão que se aglomerava em frente à casa. Ou seja, sobram apenas as janelas do fundo da casa. Havia duas janelas, porém uma estava pregada. Desta forma, os assassinos devem ter escapado pela outra. Na segunda janela, observei que havia um prego quebrado, mas que parecia íntegro quando reposicionado. Assim, é possível que, quando o assassino fugiu, a mola tenha fechado a janela e o prego tenha mantido a janela em posição. Então, essa parte do enigma estaria resolvido. Ao observarmos a parte de trás da casa, verifiquei que havia uma para-raios a meio metro da segunda janela. Ficou evidente para mim, que uma pessoa com esforço incomum poderia ter entrado por aquela janela. Um outro fato bastante interessante é ele ter abandonado no local do crime os quatro mil francos em ouro.

Dupin continuou:

- Ou seja, praticamente quase toda a quantia mencionada pelo Sr. Mignaud, o banqueiro, estava dentro dos sacos no chão. Se o ouro tivesse desaparecido, seria possível haver uma relação do assassinado com a sua entrega três dias antes. Outro fato singular a ser considerado é o de haver uma mulher estrangulada até a morte por estrangulamento e empurrada para dentro de uma chaminé de cabeça para baixo. Esse tipo de assassinato é muito peculiar. Imagine a força que foi usada para empurrar o cadáver para cima da chaminé. A força descomunal dos assassinos também fica clara ao voltar nossa atenção ao fato de debaixo da lareira haver mechas de cabelos humanos grisalhos, que foram arrancadas pelas raízes. Imagine a força para arrancar 20 a 30 fios de cabelos com as mãos. Em alguns fios ainda havia fragmentos de couro cabeludo. Além disso, os assassinos foram capazes de decapitar a idosa usando apenas uma navalha. Assim, houve um conjunto de incidentes brutais que exigiram uma força imensa dos assassinos. Sem mencionar os diversos hematomas encontrados em seu cadáver. O objeto obtuso que o Dr. Dumas e o Dr. Etienne mencionaram ser a causa de parte das lesões claramente era o pavimento de pedra do pátio sobre o qual a vítima caiu. Desta forma, se combinarmos as informações da agilidade e força espantosa do assassino, a carnificina sem um motivo aparente, a voz de um estranho cujo idioma seja irreconhecível, a qual conclusão podemos chegar?

Dupin desembaraçava um pequeno tufo preso aos dedos da Sra. L'Espanaye, entregou a mim e disse:

- Diga-me, o que acha?

- Dupin! Isso não é cabelo humano.

Dupin respondeu:

- Nunca disse que era. Agora observe o hematoma no pescoço da Srta. L'Esplanade. Veja as marcas de dedos que parecem ter ficado na mesma posição durante todo estrangulamento.
- Essa marca também não é de uma mão humana.
- Lendo o livro de Cuvier sobre a anatômica de macacos, observo que nenhum animal poderia ter feito essa marca senão um orangotango. Os pelos encontrados também parecem ser desta espécie.

Então eu disse:

- Mas mesmo assim, ainda não consigo entender algumas particularidades do assassinado, como a voz do francês.
- Correto! Algum francês estava ciente do assassinato. É possível, na verdade, que ele seja responsável por toda crueldade que ocorreu. É possível que o orangotango tenha fugido dele. Ele tenha seguido o macaco até a casa, mas depois de tudo o que aconteceu, ele não foi capaz de recapturá-lo. Ou seja, o francês ainda está foragido. E é provável que seja um marinheiro, considerando o nó e o material de que é feita essa fita que encontrei no local do crime. Ontem à noite deixei um anúncio no escritório do 'Le Monde'. Caso o francês seja realmente inocente por essa atrocidade, o anúncio o trará até a nossa casa.

Dupin me entregou um papel que dizia:

Orangotango encontrado

Encontrado nesta manhã, no Bosque de Bolonha, um orangotango enorme. O proprietário pode reaver o animal novamente se identificá-lo e pagar as taxas decorrentes de sua captura e manutenção.

Favor entrar em contato com Auguste Dupin pelo telefone 01 18 09 18 49 no endereço Rue 7, 19123, Paris.

E então ele continuou:

- Sendo o francês inocente, é provável que ele queira reaver o animal devido o seu valor. Além disso, como o animal fora encontrado no Bosque de Bolonha, longe do local do crime, o francês pode achar que ninguém irá relacionar o animal com o assassinato.

Neste momento ouvimos alguns passos em frente de casa. Dupin disse:

- Esteja preparado! Não use as pistolas até o meu sinal.

A porta da frente da casa foi deixada aberta. O visitante entrou sem tocar a campainha e subiu os degraus da casa. Ele parecia hesitar. Ouvimos ele descendo as escadas. Dupin se moveu rapidamente para a porta, quando ouviu novamente alguém subindo. A pessoa bateu na porta e Dupin disse em uma voz alegre e calorosa:

- Entre!

O homem entrou. Era um marinheiro alto, robusto e musculoso, com uma expressão atrevida. Tinha o rosto queimado pelo sol e um bigode enorme. Carregava consigo um enorme bastão de madeira, mas parecia não carregar outras armas. Ele nos cumprimentou com um boa noite meio desajeitado com um sotaque francês. Dupin disse:

- Sente-se, meu amigo. Suponho que esteja aqui por conta do anúncio do orangotango. Imagino que seja um animal sem dúvida muito valioso. Você saberia dizer quantos anos ele tem?

O marinheiro suspirou e disse:

- Não tenho como saber, mas acho que ele não deve ter mais de quatro ou cinco anos. Ele está aqui?

- Não! Não tínhamos como manter o animal aqui. Ele está em um estábulo na Rua Dubourg, aqui do lado. Você pode vir buscar de manhã. Você está preparado para identificar o animal?

- Claro que estou, senhor.

- Lamentarei me separar dele.

- Não quero que o senhor tenha todo esse trabalho à toa. Estou disposto a pagar a recompensa pelo animal.

Dupin então disse em um tom baixo e calmo, enquanto trancava a porta da frente e colocava a chave em seu bolso:

- Claro! Nada mais justo! Mas o que eu deveria pedir como recompensa? Ah, que tal me explicar como ocorreram os assassinatos da Rue Morgue?

O rosto do marinheiro ficou vermelho de raiva. Agarrou seu bastão, mas em seguida sentou-se, caindo pálido como um cadáver. Não dizia nenhuma palavra. Então Dupin disse de forma gentil:

- Meu amigo, não se preocupe. Não iremos lhe fazer mal algum. Sei que é inocente, mas deve confessar tudo o que sabe. Lembre-se que um homem inocente está preso por um crime que ele não cometeu. Sabemos que você não é culpado e que não tem o que esconder.

O marinheiro se recuperou e respondeu:

- Que Deus me ajude! Vou contar tudo o que sei sobre esse caso. Mas sou inocente e tenho minha consciência livre, mesmo que tenha que morrer por isso!

Em resumo, o que ele relatou foi isso:

Ele retornou de uma viagem a um arquipélago indiano. Ele e um companheiro capturaram o orangotango. Em um acidente durante a viagem, o companheiro morreu e o animal foi levado para França pelo marinheiro. Ele manteve o animal em sua própria casa em Paris. O macaco ficava isolado para não atrair a atenção da vizinhança. O marinheiro queria vender o animal depois que se recuperasse de um ferimento no pé, causado por uma farpa no navio. Ao voltar para sua casa na madrugada do assassinato, o marinheiro encontrou o orangotango em seu próprio quarto. Estava com uma navalha na mão, totalmente ensaboado, sentado diante de um espelho. Apavorado com a visão do animal segurando a navalha, ele não sabia o que fazer. Ele então pegou um chicote. O macaco ao ver o chicote fugiu para rua pela janela. O francês seguia o macaco, ainda com a navalha na mão. A perseguição continuou por um longo tempo. As ruas estavam vazias, pois já eram quase três horas da manhã. Ao passarem por um beco próximo à Rua Morgue, o orangotango foi atraído por uma luz que vinha da janela aberta do quarto da Sra. L'Españaye. O animal escalou os para-raios com agilidade incrível, e em menos de um minuto já conseguiu entrar pela janela do quarto. O marinheiro subiu pelo para-raios, mas não conseguiu chegar até a janela. Nesse momento, ele vislumbrava a cena horrível que ocorreu. A sra. L'Españaye e sua filha, vestidas para dormir, estavam arrumando alguns papéis no baú de ferro, que haviam empurrado para o meio da sala. O baú estava aberto e todo seu conteúdo estava espalhado pelo chão. As vítimas deveriam estar sentadas de costas para a janela, sendo provável que elas não tenham visto o animal entrar no quarto. O marinheiro viu o gigantesco animal agarrando a Sra. L'Españaye pelos cabelos e passando a navalha sobre seu rosto, imitando os movimentos de um barbeiro. A filha desmaiara com a cena. Os gritos da idosa irritaram o animal, que arrancou os cabelos dela. Com um único golpe de seu braço, quase separou a cabeça do corpo da mulher.

A visão de sangue aumentou a raiva do animal, que cravou suas terríveis garras na garganta da filha até que ela morresse. A besta ao ver o dono com o chicote pela janela sentiu medo. Consciente do castigo que iria receber, o animal espalhava toda mobília pela casa. Por fim, agarrou o cadáver da filha e o empurrou pela chaminé, como fora encontrado. As palavras ouvidas pelas testemunhas na escada eram as exclamações de horror do francês e os gritos do animal. O orangotango escapou pela janela, fechando-a sem querer.

Por fim, o animal foi capturado pelo seu dono no Jardim das Plantas. Le Bon foi libertado após as informações dadas por Dupin no escritório do Comissário da Polícia, que fez um comentário desagradável, mencionando que cada pessoa deveria cuidar de seus próprios negócios.

Por fim, Dupin me disse:

- Deixe que eles falem. Fazem isso para aliviar sua consciência. Da minha parte, consegui derrotá-los em seu próprio castelo.

FIM

Créditos das Figuras

Capa, páginas capitulares e contracapa


Fonte: Ajwad M. Warsaw, Masovian Voivodeship, Poland [Internet]. 2019 Sep 29 [Acesso 21 ago 2023]. Disponível em:

<https://www.pexels.com/photo/brown-concrete-mid-rise-buildings-3009706/>. Figura registrada como: *Free to use. Attribution is not required.*

Página 9

Fundo de papel envelhecido. Fonte: Caleb N. More old paper 3 - back [Internet]. Sem data [Acesso 01 out 2023]. Disponível em:

<https://www.publicdomainpictures.net/en/view-image.php?image=110803&picture=more-old-paper-3-back>. Figura registrada como: *CC0 Public Domain.*



Assassinatos da Rua Morgue é um conto de Edgar Allan Poe, publicado originalmente em 1841. É considerada a primeira história de detetive da literatura mundial, sendo precursor das histórias de Sherlock Holmes.

Esta adaptação tem como proposta motivar o maravilhoso hábito da leitura por leitores iniciantes.